

Resenha da obra:

GUÉGAN, Jean-Baptiste. *Géopolitique du sport: une autre explication du monde*. Paris : BREAL, 2^a Edição, 2022, 200p.

ESPORTE E PODER: UMA PERSPECTIVA GEOPOLÍTICA CONTEMPORÂNEA

César Teixeira Castilho¹

DOI: 10.5752/P.2317-773X.2023v11n1p127-131.

Recebido em: 05 de janeiro de 2023

Aprovado em: 16 de novembro de 2023

“Phénomène de masse, étendu de nos jours à l’ensemble de la planète, traversé par toutes des idéologies du siècle, indicateur de la puissance et du déclin des nations, tantôt révélateur, tantôt manipulateur du sentiment public, substitut de la guerre et instrument de diplomatie, le sport est au centre de la vie internationale. Mais c’est aussi une composante, un reflet de la vie internationale et un moyen de la politique étrangère.”² (Berstein, 1984, n.p).

O lobby para a obtenção do direito de sediar os megaeventos sempre esteve repleto de proposições inerentes às agendas políticas em amálgama ao campo esportivo (Bourdieu, 1994; 1998). Destaca-se o período da Guerra Fria (1947-1991) e seus inúmeros boicotes olímpicos³, bem como as escolhas controversas recentes das sedes dos Jogos Olímpicos (JO) de Verão e Inverno e da Copa do Mundo (CM) de Futebol Masculino FIFA (Castilho; Marchi Jr., 2021; Castilho, 2016; Gounot, 2008). Deste ponto de vista, os argumentos de Pascal Boniface⁴ (2016; 2017), atual diretor do Instituto de Relações Internacionais e Estratégias de Paris (IRIS-France), têm permitido evidenciar esta convivência de interesses e, concomitantemente, esquadrihar o desporto como um mecanismo de poder, uma espécie de promotor de uma nova ordem mundial. Na esteira dessas análises teóricas, já perceptível no título do livro em questão “*Géopolitique du sport: une autre explication du monde*”⁵, Jean-Baptiste Guégan nos evoca espontaneamente o “*Atlas du sport mondial*”⁶ de Loïc Ravenel, Pascal Gillon e Frédéric Grosjean, que constitui o verdadeiro primórdio ilustrado, devidamente cartografado, da relação entre fronteiras – ou para além delas – do campo esportivo mundial. A complementariedade entre as duas obras é óbvia, notadamente no que diz respeito às conexões do desporto com outros ramos da sociedade, tais como: economia, cultura, política, diplomacia ou mesmo religião. Destarte, pode-se afirmar que o esporte



1. Professor Adjunto da EEFPTO/UFMG; Professor Visitante da Université de Paris-Sud (Paris 11) - Mestrado em “Management du Sport: Politiques Publiques et Stratégies des Organisations”; Pós-Doutor “Estudos do Lazer” (EEFPTO/UFMG); Pós-Doutor “Sociologia” (UFPR); Doutor em “Sciences du Sport et du Mouvement Humain” (Université de Paris 11); Título de Doutor Reconhecido pela EEFPTO-USP “Doutor em Educação Física e Esporte” na área de “Estudos Socioculturais e Comportamentais da Educação Física e Esporte”; Mestrado em Teorias do Lazer (EEFPTO-UFMG); Especialização em “Fisiologia do Exercício” (FM-USP); Aperfeiçoamento em “Reabilitação Cardíaca” (EEFE-USP); Graduação Plena em Educação Física (EEFPTO-UFMG); Pesquisas voltadas para a Saúde Coletiva; Geopolítica do Esporte; Psicologia do Esporte; Estudos do Lazer; Sociologia do Esporte; Metodologia e Métodos de Pesquisa.

2. “Um fenômeno de massa, que se estende nos dias atuais a todo o planeta, permeado por todas as ideologias do século, indicador do poder e declínio das nações, às vezes revelador, às vezes manipulador do sentimento público, substituto da guerra e instrumento de diplomacia, o esporte ocupa o centro da vida internacional. No entanto, ele também é uma componente, um reflexo da vida internacional e um meio da política externa.” (Tradução do autor).

3. No decorrer das edições dos Jogos Olímpicos (JO) de 1952, em Helsinque, e 1988, em Seul, diversos boicotes se produziram como forma de retaliação entre os dois blocos políticos dominantes na época, um deles liderado pelos Estados Unidos da América (EUA), e o outro pela então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Entre os mais significativos estão os JO de 1980, sediado em Moscou, capital da URSS, quando mais de cinquenta nações se retiraram da competição (entre elas os EUA) após a invasão do Afeganistão pelos soviéticos em 1979; e, nos JO de 1984, com sede em Los-Angeles (EUA), quando cerca de quinze nações boicotaram as Olimpíadas, alegando falta de segurança, mas, igualmente, como resposta frente ao boicote americano quatro anos antes.

4. Pascal Boniface é considerado como um dos primeiros autores franceses a analisar os fatores geopolíticos no campo esportivo. Entre outras obras, é autor do clássico *JO Politiques: Sport et relations internationales*, publicado em 2014.
5. "Geopolítica do esporte: uma outra explicação do mundo". (Tradução do autor).
6. "Um altas do esporte mundial." (Mascarenhas, 2011).
7. "O que é o esporte." (Tradução do autor).
8. "Negócios e espetáculo, o ideal esportivo em jogo." (Tradução do autor).
9. "O que representa o esporte atualmente na França e no mundo em termos de prática e importância econômica?" (Tradução do autor).
10. "O que é a geopolítica e por que aplicá-la ao esporte?" (Tradução do autor).
11. Segundo a Carta Europeia do Esporte (*Charte européenne du sport*), adotada em 24 de setembro de 1992, e revisada em 2001, o esporte reúne todas as formas de atividades físicas e esportivas, através de uma participação, organizada ou não, que possuem como objetivo a expressão e a melhoria de condição física e psíquica, o desenvolvimento das relações sociais ou a obtenção de resultados em competição de todos os níveis. (*CHARTE EUROPÉENNE DU SPORT*, 2001).
12. "Esporte, geografia e organização". (Tradução do autor).
13. Quanto à globalização, é importante sublinhar, como relatado pelo Prof. Richard Giulianotti (2004; 2011), a necessidade de evitar uma visão ingênua do potencial inato do esporte para o bem, considerando a relação histórica do esporte com formas de colonialismo e neocolonialismo. O autor destaca a importância de análises sociológicas críticas sobre o papel do esporte na consecução de objetivos sociais, como a resolução de conflitos ou a reabilitação social dos traumatizados. Ele argumenta que o esporte pode trazer benefícios significativos em contextos difíceis, desde que os projetos de desenvolvimento se baseiem em um diálogo significativo com os grupos receptores e sejam acompanhados por políticas mais diretas para aliviar doenças, fome, guerra e migração forçada.

transcende a mera competição, superando a dicotomia entre vitória e derrota. Em sua qualidade de domínio específico, o esporte representa uma microcosmia da sociedade, exibindo singularidades, desafios e triunfos próprios. Ele se enraíza profundamente no tecido social e reflete sua dinâmica intrínseca.

As notas introdutórias e o primeiro capítulo – intitulado "*Qu'est-ce que le sport*"⁷ – da obra de Guégan fazem eco ao subtítulo da obra supracitada – "*Business et spectacle: l'idéal sportif en jeu*"⁸ – uma vez que os historiadores e o jornalista investem no esporte por meio de seus excessos econômicos e midiáticos, percebidos tanto positivamente (através do seu potencial agregador), como negativamente (naquilo que envolve o custo e os salários exorbitantes). Sem se apoiar explicitamente no campo da geografia, as primeiras páginas pretendem sobretudo retratar as representações do desporto profissional nas sociedades, passando rapidamente de um campo a outro. Este primeiro capítulo, "esperado" nas ciências que tratam da temática esportiva, não traz grandes novidades, sendo apresentado como uma forma de síntese dos principais esportes em termos de participantes, audiências e receitas financeiras. Ou seja, uma espécie de raio X, com especial ênfase ao caráter polissêmico e complexo do fenómeno esportivo. Ao término desse catálogo das práticas, Guégan elabora uma lista de elementos constitutivos de uma grade de leitura, composta por atores, performances, organizações, governanças, cargos, políticas de desenvolvimento, estratégias de inovação, permitindo uma "explicação diferente" do mundo (p. 77-78). Esta interpretação é mais manuseada nos dois outros capítulos, decididamente mais orientados para o campo da geografia, em um primeiro momento (capítulo 2 – "*Que représente le sport aujourd'hui en France et dans le monde en termes de pratiques et d'importance économique*"⁹), do que especificamente para a geopolítica, em um instante posterior (capítulo 3 – "*Qu'est-ce que la géopolitique et pourquoi l'appliquer au sport?*"¹⁰).

Após a reconstrução do nascimento do esporte¹¹, o segundo capítulo chancela uma verdadeira mudança de direção por meio de uma abordagem mais geográfica, na qual uma configuração espacial do esporte se apresenta ao leitor (p. 90-101). De fato, o autor retoma, reformula e atualiza as principais obras teóricas dos geógrafos do desporto, em particular a contribuição de Jean-Pierre Augustin, publicada em 1995, intitulada "*Sport, géographie et aménagement*"¹². Destaca-se as análises dedicadas ao rúgbi e ao ciclismo, particularmente instrutivas no que tange à atual evolução dessas duas modalidades e às suas crescentes globalizações¹³. Vale ressaltar que as investigações sobre futebol, esporte já consagrado, acabam sendo protagonistas na maioria das obras esportivas, apartando outras modalidades essenciais das análises geopolíticas.

Enfim, o terceiro capítulo, cuja potência nos leva à considerá-lo como o coração da obra. Dois eixos estruturam-no: i) o desporto visto como uma competição entre Estados-Nações, onde o campo de jogo transforma-se em campo de batalha simbólico; e ii) o desporto para além das quatro linhas, espaço disputado pelo mercado, pela imagem, pelo *branding*, onde o papel das potências extranacionais (empresas, patrocínios, mídia) se faz cada vez mais coexistir. Mediante uma espécie de resenha

de imprensa, Guégan empreende um tour mundial pelos acontecimentos de maior destaque na história do esporte, bem como seus eventos atuais (aparelhamento do esporte pelo Qatar¹⁴, investimento massivo dos BRICS, construção e reconstrução dos equipamentos esportivos, recuperação política dos resultados, custos dos Jogos Olímpicos, entre outros), que por vezes pode ser labiríntico, mas que acaba por definir uma verdadeira leitura geopolítica crítica, e verdadeira, através do desporto nas relações internacionais. O esporte pode servir como uma plataforma reveladora das dinâmicas das relações internacionais, onde se manifestam tanto as oposições quanto as composições, bem como suas estruturas e os principais agentes envolvidos. Através dessa manifestação, as nações se apresentam à comunidade internacional, exibindo suas convergências e divergências. Dentro desse contexto, é possível considerar as concepções de *soft power* e *soft disempowerment*, teorias discutidas por Brannagan e Giulianotti (2014), no contexto da CM de Futebol FIFA de 2022 no Qatar, que permearam todo o processo de organização desse evento esportivo de grande magnitude. (Brannagan; Giulianotti, 2014).

Na sua conclusão, partindo de uma referência e uma citação de Malraux, segundo a qual o desporto passaria a substituir a religião, Guégan multiplica seus principais referenciais teóricos (apoiando-se em Marcel Mauss, Nibert Elias e Eric Dunning)¹⁵, atribuindo ao esporte, aqui compreendido como “fato social total”¹⁶, a incumbência genuína de “chave para a compreensão do mundo” (p. 288). Desse crivo, retém-se o trecho original sobre as “três fissuras” (*trois travers*) que prejudicam o esporte contemporâneo, prova adicional, se necessário, da capacidade de Guégan para examinar o assunto com meticulosidade e paixão, inclusive tornando visível de forma precisa aquilo que ainda permanece obscuro ou incompreensível no campo esportivo. (p. 290).

Na parte final do livro, lamenta-se a velocidade excessiva de algumas análises não menos atraentes. Neste ponto, seria de bom grado que o ritmo na interpretação do fenômeno do esporte moderno fosse próximo de uma corrida de meia distância, e não de um *sprint* de 100 metros. Isto posto, a procura pelos entroncamentos do esporte na modernidade, no momento presente, e suas interlocuções, não se reduz inteiramente ao exercício de antever o “deporto de amanhã”, ou “aquilo que estar por vir”, sobretudo no *e-sport*, ainda que várias vezes referido na obra, ou nos novos “players” da internet, vulgarmente reunidos sob a sigla GAFA (*Google, Apple, Facebook e Amazon*). Embora o autor tenha captado perfeitamente os contornos do esporte atual, apreciá-lo-íamos a leitura de uma reflexão mais densa sobre tais questões. Todavia, como o objetivo central de Guégan é “[...] mostrar tudo o que a geopolítica pode aportar para a compreensão do esporte contemporâneo e seus diálogos de força” (p. 70), torna-se penoso atribuir-lhe qualquer crítica a esse respeito.

Quanto à forma, pode-se deplorar o uso cartográfico limitado (somente seis figuras ao longo da obra), e por vezes a presença de passagens mais anedóticas, onde a “*esportefilia*” do autor acaba comprometendo algumas passagens que poderiam ser mais críticas e argumentativas, dois pontos negativos que em nada desvalorizam a qualidade geral do conteúdo. A este propósito, destaca-se o minucioso trabalho de síntese e de

14. O Emirado do Qatar vem investindo no setor esportivo há pelos menos vinte anos, para além dos megaeventos esportivos. Entre os torneios organizados pelo pequeno país do Golfo Pérsico nas duas últimas décadas, destaca-se o Campeonato Mundial de Atletismo Indoor (IAAF), em 2010, o Campeonato Mundial de Ciclismo de Estrada (UCI), em 2016, o Campeonato Mundial de Ginástica Artística (FIG), em 2018, e, como cereja do bolo, a Copa do Mundo de Futebol Masculino FIFA em 2022. (Castilho; Marchi Jr., 2021, p. 7).

15. Segundo Nibert Elias e Eric Dunning (1986), na introdução do livro “Sport et Civilization, la violence maîtrisée”, “o conhecimento do esporte é a chave do conhecimento da sociedade”. Outra importante contribuição dos autores para o campo esportivo, em diálogo com o processo de civilização, trata-se do livro “A Busca da Excitação” publicado em 1992.

16. Segundo Mauss, a noção de “fato social total” implica a compreensão de que em qualquer realização do homem podem ser encontradas as dimensões sociológicas, psicológicas e fisiológicas (Mauss, 2003).

inventariação, além das fontes e dados atualizados (perceptíveis por meio da bibliografia anteposta), bem como as reflexões pessoais do autor que permeiam o estudo, com interessantes contributos, sobretudo naquilo que evoca o esporte enquanto instrumento de poder. As centenas de quadros elaborados por Guégan, ao longo dos quais destacam-se citações acadêmicas, relatos de treinadores e de atletas, políticos e figuras públicas, jornalistas e escritores, assim como referências mundiais nas definições e noções conceituais na área da geopolítica. Tais aspectos, fazem da obra um rico elemento de contextualização, igualmente acessível para os não iniciados na temática, instigando novas perspectivas e estudos por vir.

Explicar o desporto, compreender o seu peso econômico, decifrar o mundo através do esporte: este é sem dúvidas o formidável exercício empreendido pelo autor Jean-Baptiste Guégan. Não se furtando da analogia esportiva, trata-se de uma espécie de triátlon, onde é preciso ser bom em três diferentes modalidades – áreas do conhecimento – sob o risco de arruinar o resultado final. Ou seja, Guégan se demonstra apto na confluência de teorias por meio de um trabalho equilibrado e versátil sem se abster da sua paixão que se faz igualmente presente. Se, por um lado, este livro não se destina especificamente aos especialistas do campo, em outras palavras, os estudiosos da geopolítica do esporte; por outro lado, converte-se em uma obra obrigatória para aqueles que desejam conhecer em primeira mão a complexidade do campo esportivo e suas interlocuções com as relações internacionais e a geopolítica.

Pier Paolo Pasolini, grande entusiasta do esporte (Castilho; Cornelsen; Guimarães, 2022), já nos alertava quanto à necessidade de lançar um olhar lúcido e crítico sobre o assunto: “O esporte é um fenômeno civilizatório tão importante que não deve ser ignorado, nem negligenciado, pela classe dominante e pelos intelectuais”. (Pasolini, 2012, p. 32). O esporte ocupa atualmente, no espaço público internacional, um lugar de magnitude sem precedentes em relação ao que já ocupou no passado. A globalização, que encurta as distâncias e o tempo, proporcionou-lhe uma visibilidade ampliada. Dessa forma, o esporte acelerou e ampliou os efeitos da globalização, ao mesmo tempo em que contribuiu para conferir-lhe uma dimensão humana. Para além das emoções, do prazer, das alegrias e das esperanças, o esporte também se insere na esfera geopolítica.

BIBLIOGRAFIA

- BERSTEIN, S. Sport et relations internationales. **Relations Internationales**, 38, 1984.
- BONIFACE, P. **JO Poliques** : Sport et relations internationales. Paris : Ed. Eyrolles, 2016, 202 p.
- BONIFACE, P. Le sport : une fonction géopolitique. **Revue Défense Nationale** (Éditions Comité d'études de Défense Nationale), (5) 800, p.134-138, 2017. <https://doi.org/10.3917/rdna.800.0134>
- BOURDIEU, P. Les Jeux olympiques [Programme pour une analyse]. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 103, p. 102-103, Juin 1994.
- BOURDIEU, P. **Contre-feux**: Propos pour servir à la résistance contre l'invasion néo-libérale. Paris: Éditions Raisons d'Agir, 1998.
- BRANNAGAN, Michael; GIULIANOTTI, Richard. Soft power and soft disempowerment: Qatar, global sport and football's 2022 World Cup finals, **Leisure Studies [online]**, v. 34, nº 6, p.703-719, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1080/02614367.2014.964291>.

CASTILHO, C. T. **Politiques Publiques et Coupe du monde de football 2014 au Brésil : des espoirs aux héritages locaux**. PhD diss., University of Paris-Sud, 2016. Disponível em: <https://theses.hal.science/tel-01461363>.

CASTILHO, C. T.; MARCHI Jr., W. Esporte, geopolítica e relações internacionais. **FuLiA/UFMG**, 5(2), 2021, p. 240-257. <https://doi.org/10.35699/2526-4494.2020.20385> (Original work published 30° de janeiro de 2021).

CASTILHO, C. T.; CORNELSEN, E. L.; GUIMARÃES, G. C. Pasolini, o “cronista-esportivo”: drama, paixão e olimpíadas de 1960. **Revista Recorde**, Rio de Janeiro, 15(2), p. 1-17, jul./dez., 2022. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/56043>

CHARTRE EUROPEENNE DU SPORT. **Définition du sport** : Conseil de l'Europe portail, 2001. Disponível em: <https://www.coe.int/fr/web/sport/european-sports-charter> Acesso: 15 de setembro 2023.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **Sport et Civilisation, la violence maîtrisée**. Paris : Ed. Fayard, 1986.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Memória e Sociedade, 1992.

GILLON, P.; GROSJEAN, F.; LOÏC, R.; DONATIEN, C. **Atlas du sport mondial – Business et spectacle : l'idéal sportif en jeu**. Paris : Autrement, 2010.

GIULIANOTTI, Richard. Human Rights, Globalization and Sentimental Education: The Case of Sport. **Sport in Society: Cultures, Commerce, Media, Politics**, v. 7, n° 3, p. 355-369, 2004. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/1743043042000291686>

GIULIANOTTI, Richard. Sport, peacemaking and conflict resolution: a contextual analysis and modelling of the sport, development and peace sector. **Ethnic and Racial Studies**, v. 34, n° 2, p. 207-228, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/01419870.2010.522245>

GOUNOT, A. Sport – politique – communisme (19° et 20° siècles) – Dimensions internationales et perspectives comparatives. **Mémoire présenté pour le diplôme d'Habilitation à Diriger des Recherches**. UFRSTAPS, Université Marc Bloch de Strasbourg, 2008.

MASCARENHAS, G. Um Atlas do esporte mundial. **Confins**, 2011. <http://journals.openedition.org/confins/7015>. DOI: <https://doi.org/10.4000/confins.7015>

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

PASOLINI, P. P. **Les Terrains: Écris sur le sport**. Paris : Les Temps de Cerises, 2012, 160p.